

ESCRITAS SUBVERSIVAS: literatura feminina e identidade cultural na Baixada Fluminense

ESCRITAS SUBVERSIVAS: women's Literature and Cultural Identity in Baixada Fluminense

ESCRITAS SUBVERSIVAS: literatura femenina e identidad cultural en la Baixada Fluminense

Lizandra Córdova – UFRRJ - ORCID¹ [0009-0008-3961-3134](https://orcid.org/0009-0008-3961-3134)

Bruno Borja – UFRRJ - ORCID² [0000-0002-4813-7001](https://orcid.org/0000-0002-4813-7001)

Resumo: “Escritas Subversivas” é uma plataforma de produção e difusão literária que investiga as relações entre gênero, território e identidade cultural na Baixada Fluminense. O artigo foca na autoria feminina, destacando sua contribuição para a construção de novas representações e promovendo a circulação de narrativas que reconfiguram espaços de escrita e leitura. A literatura, nesse contexto, se torna um meio de articulação crítica e expansão do debate sobre produção cultural e conhecimento. Através da autoria feminina, o projeto visa dar visibilidade à produção literária de mulheres da Baixada, contribuindo para a transformação dos imaginários culturais e sociais. A literatura propõe novas formas de contar histórias, quebrando estigmas e reconfigurando a percepção de territórios. Ao investir em uma escrita que dialoga com as realidades locais, “Escritas Subversivas” fortalece a representatividade e promove a literatura como um patrimônio cultural, essencial para a valorização de vozes marginalizadas.

Palavras-chave: Literatura; Gênero; Identidade cultural; Baixada Fluminense.

Abstract: “Escritas Subversivas” is a platform for literary production and dissemination that explores the relationships among gender, territory, and cultural identity in the Baixada Fluminense. The research focuses on female authorship, highlighting its contribution to the creation of new representations and promoting the circulation of narratives that reshape spaces for writing and reading. In this context, literature becomes a means of critical articulation and expanding the debate on cultural production and knowledge. Through female authorship, the project aims to give visibility to the literary production of women from Baixada, contributing to the transformation of cultural and social imaginaries. Literature offers new ways of telling stories, breaking stigmas, and reshaping the perception of territories. By investing in writing that engages with local realities, “Escritas Subversivas” strengthens representativeness and promotes literature as a cultural heritage, essential for valuing marginalized voices.

Keywords: Literature; Gender; Cultural identity; Baixada Fluminense.

Resumen: “Escritas Subversivas” es una plataforma de producción y difusión literaria que investiga las relaciones entre género, territorio e identidad cultural en la Baixada Fluminense. La investigación se centra en la autoría femenina, destacando su contribución a la construcción de nuevas representaciones y promoviendo la circulación de narrativas que reconfiguran espacios de escritura y lectura. En este contexto, la literatura se convierte en un medio de articulación crítica y ampliación del debate sobre producción cultural y conocimiento. A través de la autoría femenina, el proyecto busca dar visibilidad a la producción literaria de mujeres de la Baixada, contribuyendo a la transformación de los imaginarios culturales y sociales. La literatura propone nuevas formas de narrar historias, rompiendo estigmas y reconfigurando la percepción sobre los territorios. Al apostar por una escritura que dialoga con las realidades locales, “Escritas Subversivas” fortalece la representatividad y promueve la literatura como patrimonio cultural, esencial para la valorización de voces históricamente marginadas.

Palabras clave: Literatura; Género; Identidad cultural; Baixada Fluminense.

INTRODUÇÃO

Na Baixada Fluminense, onde a cidade-dormitório desperta sob passos femininos, uma plataforma que registra e valoriza as histórias de mulheres e suas trajetórias pode contribuir ativamente para a sistematização de novas narrativas advindas desse território. Nesse contexto, a literatura assume um papel central como expressão de identidade, gênero e território, resistindo a silenciamentos e reafirmando-se como ferramenta de transformação.

O presente artigo propõe investigar as narrativas identitárias das mulheres da Baixada Fluminense, particularmente da cidade de Nova Iguaçu, por meio da análise da literatura de autoria feminina. O foco recai sobre a plataforma “Escritas Subversivas”, um podcast literário que promove diálogos sobre produções literárias femininas periféricas e incentiva outras mulheres a escreverem a partir de suas experiências. Além de encontros literários e discussões virtuais, o artigo busca demonstrar como essa iniciativa democratiza o acesso à literatura e difunde produções independentes dessas autoras.

A literatura, ao se entrelaçar com as experiências de mulheres periféricas, torna-se um espaço de afirmação identitária e resistência, atravessado por marcadores interseccionais de gênero, raça, classe e território. Em “Escritas Subversivas: uma história contada por vozes femininas”, a plataforma é analisada como um campo de produção e

difusão da literatura de autoria feminina na Baixada Fluminense, amplificando a circulação de narrativas que rompem com silenciamentos históricos. Na sequência, “Escritas metodológicas: uma história contada de dentro” apresenta os referenciais teóricos e as estratégias adotadas para investigar essas produções, levando em conta as dinâmicas sociais e culturais do território. Já em “Literatura feminina e identidade cultural nas Escritas Subversivas”, a escrita literária é abordada como um dispositivo de construção identitária que mobiliza perspectivas interseccionais, permitindo a ressignificação de imaginários e a valorização das experiências plurais das autoras. As seções se articulam na perspectiva de compreender a literatura como ferramenta política e epistemológica na formulação de novas narrativas sobre e a partir das mulheres periféricas.

ESCRITAS SUBVERSIVAS: UMA HISTÓRIA CONTADA POR VOZES FEMININAS

A “Escritas Subversivas” nasce do desejo de contribuir para a visibilidade de vozes femininas na literatura, promovendo um espaço onde as palavras ganham corpo e significado. Idealizado por Lizandra Córdova, autora deste artigo, mulher nascida e criada na Baixada Fluminense, formada em Letras/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ, Nova Iguaçu) e atuante como produtora e gestora cultural desde 2018, o projeto se consolidou como um canal de fomento à literatura e à oralidade de mulheres, especialmente na Baixada Fluminense. Há cinco anos à frente da “Escritas Subversivas”, sua atuação se desdobra não apenas na produção e apresentação do podcast, mas também na pesquisa acadêmica sobre as narrativas identitárias dessas autoras.

Criado em 2020, o podcast tornou-se objeto de estudo no mestrado no Programa de Pós-graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade (PPGPaCS-UFRRJ), aprofundando a reflexão sobre a literatura feminina periférica como forma de resistência e construção identitária. O artigo analisa como a produção literária dessas mulheres se configura como patrimônio cultural imaterial, articulando memórias coletivas, experiências sociais e saberes tradicionais do território. A “Escritas Subversivas”, ao

promover diálogos com autoras e pesquisadoras, amplia a circulação dessas narrativas, contribuindo para a valorização da literatura periférica e sua inserção nos debates sobre cultura, memória e sociedade.

A trajetória do projeto inicia-se em 2020, durante a pandemia, com a produção de um podcast realizado a distância, viabilizado com recursos da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro (SECEC) no mesmo ano, por meio do edital Cultura Presente nas Redes. Esse primeiro movimento permitiu que a troca literária e os debates sobre autoria feminina seguissem vivos, mesmo em tempos de isolamento social.

Imagem 1 - Registro da gravação do Podcast Escritas Subversivas



Fonte: Acervo da autora (2021).

A experiência dessa primeira edição consolidou o formato da “Escritas Subversivas” com um podcast estruturado em temporadas, cada uma composta por três episódios, nos quais diferentes pesquisadoras da área refletiram sobre a produção literária de três autoras consagradas. Essa proposta amplia o alcance do debate e permite que as discussões sobre literatura feminina e periférica se desdobrem a partir de múltiplas perspectivas teóricas e críticas.

Na primeira temporada, o podcast convidou três pesquisadoras para analisar a obra de Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector e Conceição Evaristo, estabelecendo um diálogo entre diferentes trajetórias, contextos e formas de escrita. As convidadas são intelectuais jovens e periféricas, cujas pesquisas se dedicam à literatura negra, feminista

e marginal, permitindo uma leitura aprofundada dessas autoras a partir de seus próprios referenciais críticos e vivências.

Selminha Ray, graduanda em Letras pela UFRRJ e pesquisadora das relações entre raça e gênero na literatura brasileira, aborda a obra de Carolina Maria de Jesus, destacando sua relevância enquanto autora negra e periférica que rompeu barreiras no campo literário. Sua análise enfatiza como *Quarto de Despejo* não apenas denuncia desigualdades sociais, mas também inaugura uma escrita potente e autoral, que ressignifica o lugar da mulher negra na literatura brasileira.

Amanda Vieira, formada em Letras pela UFRRJ e mestranda em Estudos da Literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF), reflete sobre Clarice Lispector, explorando as camadas de subjetividade e introspecção na obra da autora. A análise discute como a escrita de Lispector desafia convenções narrativas e tensiona os limites da identidade feminina, criando personagens que transitam entre a alienação e a busca por autonomia.

Nathália Rodrigues, graduanda em Geografia pela UFRRJ, pesquisadora na área de geografias feministas e integrante do ÍTÂN – Narrativas Negro-Diaspóricas, debate a produção de Conceição Evaristo, com foco na relação entre memória, oralidade e identidade negra. A pesquisadora se debruça sobre o conceito de “escrevivência”, enfatizando como a literatura de Evaristo se constrói a partir da experiência coletiva das mulheres negras, desafiando estruturas hegemônicas e reivindicando novos espaços de fala e escuta dentro do campo literário.

Ao estruturar-se em torno de três pesquisadoras refletindo sobre três autoras, a “Escritas Subversivas” reafirma seu compromisso com a difusão e valorização da literatura feminina e periférica. Esse formato permite a construção de um diálogo contínuo entre diferentes gerações e experiências, fortalecendo o papel do podcast como um espaço de troca, crítica e resistência no cenário literário contemporâneo.

A segunda temporada foi realizada ainda no contexto pandêmico, viabilizada com recursos da Lei Aldir Blanc de Nova Iguaçu (2021). Essa edição manteve o formato do podcast com três episódios, nos quais duas jovens pesquisadoras periféricas da área interpretaram a produção literária de uma autora consagrada e duas mulheres funkeiras,

enquanto uma autora da Baixada Fluminense compartilhou sua própria experiência na escrita como forma de resistência às opressões e violências sofridas em seu percurso. Além disso, a temporada foi ampliada com um encontro virtual, com outras temáticas e escritoras convidadas, promovendo o compartilhamento de experiências e ampliando as discussões sobre literatura periférica.

Nesta temporada, foram debatidas Maria Firmina dos Reis, Valesca Popozuda e Ludmilla, e Davlyn Lótus. Maria Firmina dos Reis, pioneira da literatura afro-brasileira, foi analisada a partir da sua trajetória como a primeira romancista negra do Brasil e da importância de sua obra *Úrsula* na crítica à escravidão e à condição das mulheres negras no século XIX. Valesca Popozuda e Ludmilla, artistas centrais no funk carioca, foram tema de uma discussão sobre os letramentos sociais e as ideologias linguísticas que permeiam o gênero, evidenciando o impacto da música como espaço de narrativa periférica e empoderamento feminino. Davlyn Lótus, escritora e produtora cultural da Baixada Fluminense, teve sua obra *As cartas que escrevi* debatida com foco em sua abordagem sobre identidade de gênero, vivências LGBTQIA+ e literatura como ferramenta de resistência e enfrentamento das violências que marcam sua trajetória.

Imagem 2 - Divulgação: Encontros ao vivo

Governo Federal, Secretaria Especial da Cultura, Prefeitura da Cidade de Nova Iguaçu, Secretaria Municipal de Cultura e FENIG patrocinam

LIVE

ESCRITAS SUBVERSIVAS

Substantivo Feminino

26 MARÇO

19 HORAS

Poesia e seus movimentos

Rita Benneditto
(cantora e compositora)

Liz Córdova
(mediadora)

Bruna Beber
(poeta)

@escritas.subversivas

Patrocínio:

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA | MINISTÉRIO DO TURISMO | PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL | PREFEITURA NOVA IGUAÇU | SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA | FENIG

Fonte: Acervo da autora (2021).

A mediação desses debates foi conduzida por intelectuais jovens e periféricas, cujas pesquisas aprofundam os temas abordados. Adeilda Oliveira, graduanda em Letras pela UFRRJ e pesquisadora da obra de Maria Firmina dos Reis, trouxe uma leitura crítica sobre a importância da autora para a literatura brasileira, discutindo sua contribuição para a escrita de mulheres negras e sua invisibilização nos cânones literários. Letícia Henrique, professora e pesquisadora dos letramentos sociais no funk carioca, analisou a produção de Valesca Popozuda e Ludmilla, destacando o impacto de suas composições na ressignificação da escrita feminina periférica e na disputa por espaços de expressão na cultura popular. Davlyn Lótus, além de ter sua obra discutida no podcast, participou ativamente do debate sobre a escrita trans e não-binária na literatura contemporânea, compartilhando sua trajetória no Coletivo Pó de Poesia e no Centro Cultural Donana, espaços que contribuem para o fortalecimento da arte LGBTQIAPN+ nas periferias.

Além do podcast, a segunda temporada se expandiu com encontros *online* ao vivo, que reuniram escritoras atuantes na literatura periférica, ampliando as discussões sobre oralidade, resistência e produção cultural nos territórios. O primeiro encontro, “Pérolas Negras”, contou com a presença de Ana Paula Lisboa e Ryane Leão, mediadas por Natália Stoco. Ana Paula Lisboa, escritora e produtora cultural entre Rio de Janeiro e Luanda, abordou sua experiência na criação de espaços de arte negra e o impacto da literatura como forma de visibilização das narrativas afro-diaspóricas. Ryane Leão, poeta e professora, destacou sua trajetória na poesia falada e nos slams como uma forma de resistência e afirmação identitária. O segundo encontro, “Mulheres Fantásticas”, teve a participação das escritoras Hanny Saraiva e Glau Kemp, mediadas por Caroline Nunes, debatendo a literatura fantástica e seu potencial para tensionar questões sociais e políticas. Glau Kemp, criadora do canal Terror Real, discutiu a intersecção entre terror e crítica social, enquanto Hanny Saraiva abordou sua trajetória no gênero fantástico e os desafios de mulheres escritoras nesse segmento. O encerramento da temporada aconteceu no encontro “Poesia e seus movimentos”, com Bruna Beber e Rita Benneditto, mediadas por Lizandra Córdova, contando sobre as diferentes manifestações da poesia na literatura e na música. Bruna Beber, poeta e tradutora, refletiu sobre a experimentação da linguagem

poética, enquanto Rita Benneditto discutiu o poder da oralidade e da música na preservação de memórias e tradições populares.

A terceira temporada da “Escritas Subversivas” teve um caráter distinto das anteriores, sendo impulsionada pelo retorno gradual das atividades presenciais e fortalecida pelo edital Retomada II (2022), da SECEC. Dessa vez, os episódios surgiram a partir de três encontros literários presenciais, realizados em espaços culturais de referência na Baixada Fluminense: o Complexo Cultural de Nova Iguaçu, o Gomeia Galpão Criativo (Duque de Caxias) e o Centro Cultural Donana (Belford Roxo). O contato direto entre escritoras, pesquisadoras e público resgatou a potência do encontro físico, reforçando a importância da troca ao vivo e do compartilhamento da palavra falada. A literatura, quando vivenciada nesses espaços, se expande para além dos livros e das páginas, criando redes afetivas e comunitárias que fortalecem a cena literária local.

Imagem 3 - Divulgação: Circulação da Escritas Subversivas pela Baixada



Fonte: Acervo da autora (2022).

Nesta temporada, a Escritas Subversivas estruturou seus encontros em torno de três temas centrais: “No rumo da rima – A produção literária através do Slam”, “Espalhando letras – a escrita e as alternativas de publicação” e “PalavrAção – a escrita

e a potência dos fazimentos literários”. Diferentemente das temporadas anteriores, a dinâmica dos episódios foi reformulada, trazendo para cada encontro duas autoras e uma mediadora, que também atuava como pesquisadora da área ou escritora. Os encontros que originaram os episódios desta temporada foram realizados em três espaços culturais da Baixada Fluminense, cada um com um papel central na cena cultural da região.

O primeiro encontro aconteceu no Complexo Cultural de Nova Iguaçu, um espaço que reúne teatro, bibliotecas e galerias de arte, sendo um polo de referência para a produção literária e artística na cidade. Com o tema “No rumo da rima – A produção literária através do Slam”, a conversa abordou a cultura do slam como uma das principais manifestações poéticas das periferias, destacando a oralidade como forma de expressão e resistência. As convidadas foram Lisa Castro – MC, slammer e produtora do Sarau Poetas Compulsivos –, com forte atuação na cultura hip-hop e na cena do slam no Rio de Janeiro, e Gênese – poeta e atriz, uma das organizadoras do Slam das Minas RJ e autora de *Delírios de (R)existência*. A mediação foi conduzida por Natália Stoco, mestra em Educação pela UFRRJ e doutoranda em Filosofia pela UFRJ, pesquisadora das relações entre gênero, sexualidade e cultura na Baixada Fluminense, que articulou o debate sobre a potência da poesia falada e o impacto dos slams na construção de identidades e na circulação da literatura periférica.

Imagem 4 - Encontro “No rumo da rima - A produção literária através do Slam”



Fonte: Acervo da autora (2022).

No segundo encontro, realizado no Gomeia Galpão Criativo, em Duque de Caxias, um espaço coletivo que abriga iniciativas voltadas para cultura digital, audiovisual e arte periférica, o tema foi “Espalhando letras – A escrita e as alternativas de publicação”. O debate girou em torno dos desafios da circulação literária e das possibilidades de publicação independente, explorando estratégias para ampliar o acesso à literatura e fortalecer as redes de produção e difusão de livros no território. As convidadas foram Thaís Reis, escritora e professora, autora dos livros *Entretantos* e *Vozes-Mulheres*, cuja trajetória está ligada à literatura e ao ativismo feminista no território, e Vanessa Amaral, escritora de ficção folclórica e suspense, que destacou a literatura fantástica como um campo de resgate das narrativas populares brasileiras. A mediação foi realizada por Carol Nunes, produtora cultural e mediadora de leitura, que atua com projetos voltados para narrativas LGBTQIAPN+ e literatura periférica.

Imagem 5 - Encontro “Espalhando letras - a escrita e as alternativas de publicação”



Fonte: Acervo da autora (2022).

O terceiro e último encontro da temporada aconteceu no Centro Cultural Donana, em Belford Roxo, um dos espaços mais tradicionais da Baixada Fluminense, com mais de 30 anos de atuação na formação de artistas e na promoção de atividades culturais, mantendo viva a história de resistência comunitária iniciada por Dona Ana. Com o tema “PalavrAção – A escrita e a potência dos fazimentos literários”, a conversa abordou a

escrita como prática cultural e coletiva, ressaltando a potência dos saraus e da poesia falada como espaços de afirmação e troca. As convidadas foram Viviane Salles, poeta afro-indígena e fundadora do movimento literário Poesia de Esquina, que trouxe sua experiência na democratização da poesia falada nas periferias do Rio de Janeiro, e Ivone Landim, professora de Literatura e idealizadora dos coletivos Pó de Poesia e Fulanas de Tal, que reforçou a importância dos saraus como espaços de resistência e valorização da palavra. A mediação foi conduzida por Lizandra Córdova, idealizadora e apresentadora da Escritas Subversivas que, além de apresentar o episódio, contribuiu com sua trajetória na produção literária periférica e na construção de espaços de oralidade e escrita na Baixada Fluminense.

Imagem 6 - Encontro “PalavrAção – a escrita e a potência dos fazimentos literários”



Fonte: Acervo da autora (2022).

A quarta temporada da “Escritas Subversivas” marca um novo momento do projeto, consolidando um formato mais estruturado e aprofundado. Gravada em estúdio, com todas as participantes juntas, essa edição foi viabilizada com recursos da Lei Paulo Gustavo do município de Nova Iguaçu (2024). A experiência presencial trouxe maior imersão aos diálogos, intensificando as trocas entre as convidadas e capturando não apenas as vozes, mas também os gestos, os olhares e as pausas. Esse novo formato reafirma a “Escritas Subversivas” como um espaço de criação, pertencimento e

resistência literária, consolidando sua curadoria a partir de eixos temáticos que conectam as atuações e escritas das autoras.

O primeiro episódio, “Poesia e Luta – Substantivos Femininos”, conta com Natália Stoco e Beth Gomes, apresentado por Lizandra Córdova e Carol Nunes. Beth Gomes, poeta e agente cultural, tem uma trajetória marcada por sua atuação em saraus e coletivos literários na Baixada Fluminense, além de sua militância no Movimento Negro Unificado. Sua escrita dialoga com a produção artesanal de fanzines e livretos, explorando a materialidade da palavra. Natália Stoco, que retorna ao podcast agora como autora, é poeta, psicopedagoga e gestora de projetos culturais, com uma trajetória acadêmica e ativista voltada para gênero, sexualidade e raça. Fundadora da Organização Baixada Mulher, sua atuação articula literatura e militância na Baixada Fluminense.

Imagem 7 - “Poesia e Luta - Substantivos Femininos”



Fonte: Acervo da autora (2024).

O segundo episódio, “Imaginação e Identidade – Literatura Infantil e a Construção Narrativa dos Pequenos Leitores”, conta com Hanny Saraiva e Luana Galoni, apresentado por Lizandra Córdova. Hanny Saraiva, escritora e pesquisadora, tem uma trajetória na literatura fantástica e no mercado editorial, sendo também roteirista do podcast infantil “Histórias para ouvir com árvores” e idealizadora do projeto Laranjinhas – circuito literário infantil. Luana Galoni, poeta e psicóloga, é autora de diversos livros de poesia e literatura infantil, trazendo para o debate a relação entre escrita, infância e subjetividade.

Sua obra se destaca pela sensibilidade ao abordar temáticas como identidade, diversidade e afetos na construção dos pequenos leitores.

Imagem 8 - “Imaginação e Identidade – Literatura Infantil e a Construção Narrativa dos Pequenos leitores”



Fonte: Acervo da autora (2024).

O terceiro episódio, “Memória, Rotina e Escrita – Relatos Afetivos do Cotidiano”, recebe Karlota Barros e Sil, apresentado por Lizandra Córdova e Caroline Nunes. Karlota Barros, poeta e produtora cultural, tem sua escrita atravessada pela memória e pela oralidade periférica, sendo integrante do Coletivo Pó de Poesia e produtora do Sarau Donana. Seus textos transitam entre a experiência individual e as marcas coletivas que formam as narrativas da Baixada Fluminense. Sil, poeta e programadora visual, tem uma trajetória consolidada no movimento literário da Baixada desde os anos 1990, unindo poesia, conto e artes gráficas em sua produção. Autora de *Miscelâneas* e *Oscilações*, sua escrita dialoga com a cidade e as transformações do cotidiano.

Imagem 9 - “Memória, Rotina e Escrita – Relatos Afetivos do Cotidiano”



Fonte: Acervo da autora (2024).

Após as duas últimas temporadas, a “Escritas Subversivas” se firma como um projeto de curadoria que não apenas reúne autoras e pesquisadoras, mas propõe um diálogo estruturado a partir de eixos temáticos, explorando as confluências entre as trajetórias e as escritas das convidadas. Essa abordagem fortalece o projeto como um espaço de pensamento, memória e construção literária, reafirmando sua relevância no cenário cultural da Baixada Fluminense.

Em 2025, a “Escritas Subversivas” expande sua atuação e se torna um festival literário, contemplado pelo edital Fomenta Festival 2024, da SECEC. O Festival Literário “Escritas Subversivas – Substantivo Feminino” acontece em dois dias, com programação gratuita, tradução integral em LIBRAS e quatro horas de duração diária. A proposta inclui duas rodas de conversa que abordam temas interseccionais: “Eco – As Histórias que Ouvi e que Contarei” e “Literatura das Encruzilhadas”, ambas ancoradas na produção literária de mulheres oriundas de territórios populares. Além disso, o festival conta com apresentações artísticas, oficinas literárias e uma feira de economia criativa, fortalecendo a relação entre literatura e os diversos segmentos culturais da Baixada Fluminense.

Com um espaço interativo, jogos, atividades para o público e um espaço infantil monitorado para garantir a participação de mães, o evento amplia o acesso à literatura e à troca de saberes. O festival também prevê a criação de conteúdo audiovisual, com um vídeo-síntese e materiais para redes sociais, registrando as partilhas e experiências sobre ser mulher, escritora e periférica no Rio de Janeiro. Ao fomentar a cadeia do livro, a

“Escritas Subversivas” fortalece as redes de produção literária independente e valoriza mulheres que atuam como escritoras, produtoras, livreiras, pesquisadoras e leitoras.

Na “Escritas Subversivas” a literatura se constrói a partir do diálogo entre diferentes trajetórias e formas de produção intelectual. O projeto articula autoras consagradas, cujas obras são revisitadas e debatidas, pesquisadoras jovens e periféricas, que interpretam e ressignificam esses textos, e autoras atuantes no território, que escrevem a partir de suas experiências periféricas. Essa relação estabelece um fluxo contínuo entre tradição e contemporaneidade, crítica e criação, teoria e prática literária. Enquanto as intelectuais periféricas tensionam leituras e ampliam perspectivas sobre as autoras consagradas, as escritoras locais aproximam a literatura da realidade de seus territórios, criando novas narrativas e expandindo o campo da produção literária.

A “Escritas Subversivas” permanece em movimento. Diante das restrições impostas pelo mercado editorial, reafirma sua autonomia; frente à marginalização de certas vozes, fortalece sua presença. Trata-se de uma literatura que não se curva — ela se expande, se transforma e ressoa, consolidando-se como instrumento de resistência e inovação.

Ao promover um espaço de diálogo sobre as experiências e desafios no campo literário, o podcast contribui para a valorização dessas histórias, oferecendo novas perspectivas sobre a produção literária periférica e seu papel na construção de identidades culturais. Conforme pontua Hall (2004), a identidade cultural é um processo dinâmico, construído a partir das interações e experiências individuais e coletivas, sendo reforçado pelo acesso à literatura e à memória compartilhada.

ESCRITAS METODOLÓGICAS: UMA HISTÓRIA CONTADA DE DENTRO

Inspirando-se nos princípios metodológicos de Shirley Brice Heath (2016), que enfatiza a necessidade de inserção nos ambientes de prática cultural, este artigo busca compreender as dinâmicas que permeiam a literatura de autoria feminina na Baixada Fluminense, investigando como as narrativas orais e escritas se articulam na construção de identidades e na transformação social. A metodologia usada se ancora na observação

participante e na análise de conteúdo, a partir do podcast “Escritas Subversivas”, que se configura como um espaço de amplificação de vozes e de promoção de diálogos sobre identidade, resistência e criação literária.

A observação participante ocorreu em eventos literários vinculados ou não ao projeto, como saraus, slams e clubes de leitura, permitindo mapear como as práticas literárias são recebidas pelas comunidades e como interagem com as dinâmicas sociais locais. A análise de conteúdo dos episódios do podcast visa identificar as principais temáticas abordadas, como raça, gênero, marginalização e resistência, confrontando-as com as observações em campo para oferecer uma visão mais ampla do impacto social da literatura periférica.

O artigo adota um referencial teórico interdisciplinar, baseando-se em estudos feministas, decoloniais e interseccionais para analisar as relações de gênero e as desigualdades que afetam as mulheres na sociedade. Dialoga com teóricas como Audre Lorde (2020), que defende a escrita como um instrumento de nomeação e transformação, e bell hooks (2017), que vê na literatura uma possibilidade de insurgência contra hierarquias de poder. Conforme enfatizam Sueli Carneiro e Maria das Dores Rosa (2016), a escrita é um meio de construção de experiências feministas e de resistência à subalternização das vozes femininas na sociedade e na literatura.

Além da análise acadêmica, o artigo incorpora a perspectiva das próprias escritoras periféricas como produtoras de conhecimento, promovendo grupos focais e entrevistas com autoras, pesquisadoras e especialistas. Essa abordagem permite que as mulheres participantes sejam, ao mesmo tempo, pesquisadoras e agentes do processo de investigação, fortalecendo uma produção literária que se inscreve como prática de resistência e de emancipação.

Dessa forma, “Escritas Subversivas” se consolida como um projeto que não apenas documenta e analisa a literatura produzida por mulheres na Baixada Fluminense, mas também contribui ativamente para sua circulação e legitimação no campo literário. Ao articular práticas acadêmicas e comunitárias reafirma a literatura como uma expressão de patrimônio imaterial, reforçando seu papel na produção de novas epistemologias e na reconfiguração dos imaginários sobre as periferias e sobre o próprio fazer literário.

Assim, evidencia-se a importância da literatura de autoria feminina periférica como ferramenta de resistência, preservação de memória e construção de identidades. Essas narrativas atuam, afinal, como patrimônio cultural imaterial, contribuindo para a visibilização das experiências de mulheres da Baixada Fluminense e transformando o debate sobre literatura e território (Gonzalez, 2020; Queiroz, 1991).

Destaca-se a necessidade de fortalecer políticas de incentivo à escrita e à circulação de obras de autoras periféricas, garantindo que essas produções tenham maior alcance e reconhecimento. Ao analisar esse universo literário, pretende-se contribuir para o debate sobre a democratização da literatura e a ampliação das vozes presentes no campo literário brasileiro. A “Escritas Subversivas” se constrói enquanto um espaço de insurgência literária e política, onde a palavra feminina se inscreve como ato de resistência e transformação. Uma pesquisa-ação que visa a construção coletiva do conhecimento, e que não apenas registra, mas reconfigura os modos de fazer e pensar literatura na Baixada Fluminense.

LITERATURA FEMININA E IDENTIDADE CULTURAL NAS ESCRITAS SUBVERSIVAS

A produção literária de mulheres periféricas, como forma de expressão e resistência cultural, dialoga com saberes tradicionais e experiências sociais específicas da Baixada Fluminense, fortalecendo a construção de identidades culturais próprias no território. A literatura, nesse contexto, torna-se uma ferramenta para a preservação e transmissão de memórias coletivas, articulando narrativas que questionam exclusões e invisibilidade (Bosi, 2007; Pollak, 1989). Por meio de suas obras e da plataforma proporcionada pelo podcast, as autoras reivindicam seus espaços e ressignificam suas histórias, fortalecendo manifestações culturais e simbólicas locais (Florêncio *et al.*, 2014; Enne, 2008).

Cada verso e narrativa reflete a experiência de quem atravessa favelas e trens lotados, de quem constrói lares e elabora suas próprias perspectivas sobre o mundo. Lélia Gonzalez (2019, p. 230) ressalta que “é justamente aquela negra anônima, habitante da

periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca”. No entanto, a produção dessas mulheres desafia estruturas limitantes e reivindica novas possibilidades. Gonzalez (2019, p. 224) também pontua que “o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo”.

Fundamentado em uma perspectiva interseccional e decolonial, o artigo compreende que as desigualdades de gênero, raça e classe não operam isoladamente, mas se entrelaçam e complexificam os desafios enfrentados pelas autoras periféricas. Nesse sentido, a literatura se firma como ferramenta de reelaboração do imaginário social, de afirmação da identidade e de reconstrução de territórios simbólicos. Como propõe bell hooks (2019), a escrita pode ser tanto um refúgio quanto um campo de batalha, um lugar onde o silenciamento é confrontado pela voz e onde a palavra se torna instrumento de ruptura e emancipação.

A experiência do projeto evidencia que a literatura periférica não se limita à denúncia das exclusões estruturais, mas se inscreve como prática afirmativa e insurgente, onde a palavra forja novos caminhos e novas epistemologias. Em consonância com as reflexões de Audre Lorde (2020), que defende a escrita como um ato vital de resistência, “Escritas Subversivas” desafia as normativas estabelecidas, desloca as margens e reivindica a centralidade das vozes femininas na produção do conhecimento literário.

Mulheres negras, pardas, LGBTQIAP+, trabalhadoras, mães, artistas e escritoras assumem o protagonismo de suas próprias narrativas, compondo um percurso que resgata e reconfigura as histórias femininas e evidenciando que cada relato é parte fundamental da reconstrução de imaginários. A escrita, nesse processo, não se dá sem dor, como aponta Conceição Evaristo: “Eu aqui escrevo e relembro um verso que li um dia. ‘Escrever é uma maneira de sangrar’. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...” (Evaristo, 2014, p. 117). Assim, a literatura na Baixada Fluminense, antes marcada por estigmas, reafirma-se como um território de resistência e criação, ampliando os horizontes culturais da região e inscrevendo novas narrativas no campo literário.

A “Escritas Subversivas” emerge como uma prática de política cultural na Baixada Fluminense, promovendo o enraizamento e a expansão das produções literárias

femininas. Ao dialogar com a oralidade dos slams, questionar barreiras editoriais e fortalecer coletivos literários, o projeto contribui para a democratização do acesso à literatura e amplia as possibilidades de representação. Reconhece-se, assim, que o fazer literário de mulheres transcende o ato da escrita e se configura como um exercício político.

Ao longo de encontros, debates e produções, a iniciativa ressignifica a literatura como espaço de reflexão e percurso formativo, entrelaçando identidade, gênero e território. Suas discussões ressoam as reflexões de Audre Lorde (2020, p. 47), que afirma que “a poesia não é um luxo, é uma necessidade vital da nossa existência”, pois nela residem novas possibilidades de imaginação e resistência.

Nesse sentido, a produção literária das mulheres da Baixada Fluminense contribui para a construção de identidades, para a preservação da memória e para a transformação social na região. A identidade, conforme Stuart Hall (2004; 2013), não é fixa ou essencializada, mas construída em meio a processos históricos e culturais que afetam a forma como os sujeitos se percebem e se representam. No caso das mulheres periféricas, essa identidade se consolida na tensão entre resistência e reconhecimento social.

A literatura surge, portanto, como um espaço de contestação e afirmação identitária. Lélia Gonzalez (2019) destaca que a escrita feminina periférica reivindica um lugar de fala e visibilidade, combatendo a marginalização imposta pelos circuitos editoriais tradicionais. Além disso, a memória coletiva desempenha um papel crucial nesse processo, pois, como argumenta Halbwachs (2006), as lembranças são construídas socialmente e compartilham um campo de significados em constante disputa.

Identidade, memória e resistência cultural se entrelaçam na produção literária, constituindo elementos fundamentais na formação de patrimônios imateriais (Choay, 2006; Corá, 2013). A literatura das autoras destacadas no podcast é carregada de temáticas recorrentes, como ancestralidade, resistência, territorialidade e pertencimento (Anzaldúa, 2000; Kilomba, 2019). Também são sempre considerados os desafios enfrentados por essas escritoras na circulação de suas obras e na construção de espaços de produção e debate literário (hooks, 2017; Collins, 2019).

A “Escritas Subversivas” afirma-se como um importante fomentador de política cultural na Baixada Fluminense, referenciando a literatura como um patrimônio imaterial, que articula memória, identidade e resistência. Fundamentado na valorização da oralidade feminina, o projeto reconhece sua centralidade na construção e transmissão de saberes, ampliando as possibilidades de circulação e reconhecimento das produções literárias de mulheres periféricas. Em diálogo com práticas culturais comunitárias, fomenta a democratização do conhecimento e o fortalecimento de redes de criação literária, contribuindo para a valorização da diversidade e para a articulação entre literatura, gênero e território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de sua trajetória, “Escritas Subversivas” se consolidou como um dispositivo de ampliação da literatura produzida por mulheres na periferia, promovendo sua circulação e legitimidade dentro e fora do território. A fusão entre teoria e prática materializou-se nos encontros literários, oficinas de escrita e episódios do podcast, estabelecendo diálogos fundamentais entre produção literária, mercado editorial e construção de identidades. Como apontam Sueli Carneiro e Maria das Dores Rosa (2016), a escrita não é apenas um meio de expressão, mas um exercício político de reconfiguração do mundo e de reivindicação de espaços historicamente negados às mulheres negras e periféricas.

Nesse sentido, o projeto se mostra um importante fomentador de política cultural na Baixada Fluminense, consolidando a literatura como um patrimônio imaterial que articula memória, identidade e resistência. Ao valorizar a oralidade feminina e reconhecer sua centralidade na construção e transmissão de saberes, o projeto fortalece a presença de mulheres como protagonistas de suas próprias narrativas, ampliando as possibilidades de circulação e reconhecimento das suas produções. Dessa forma, a iniciativa não apenas amplia o acesso à literatura, mas também reafirma seu papel enquanto espaço de expressão e transformação social, promovendo a troca entre diferentes gerações e territórios. Em diálogo com práticas culturais periféricas e comunitárias, “Escritas

Subversivas” contribui para a democratização do conhecimento, a valorização da diversidade e o fortalecimento de redes de criação literária engajadas com os desafios e potencialidades do território.

Diante desse percurso, o futuro do projeto se desenha como um horizonte de continuidade e expansão, reafirmando seu compromisso com a democratização do acesso à literatura e o fortalecimento do apoio a autoras independentes. A proposta de novas edições do podcast, a ampliação das parcerias institucionais e a inserção das discussões em espaços formais de ensino são caminhos para aprofundar e difundir essa experiência. Como sugere Anzaldúa (2000, p. 232), “Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever”, e é nessa tensão entre medo e coragem que “Escritas Subversivas” se estrutura, assegurando que as narrativas femininas da Baixada Fluminense continuem ecoando, se afirmando e transformando a realidade literária e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. 4. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARNEIRO, Sueli; ROSA, Maria das Dores. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen, 2016.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORÁ, Maria. Memória e patrimônio imaterial: formação de identidade a partir dos patrimônios culturais do Brasil. **Revista NAU Social**, v. 4, n. 6, p. 120-132, maio/out. 2013.

ENNE, Ana Lúcia Silva. **Memórias em movimento: identidade e representação social**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim; CLEROT, Pedro; BEZERRA, Juliana; RAMASSOTE, Rodrigo. **Identidade e patrimônio cultural: conceitos, reflexões e práticas**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HEATH, Shirley Brice. **Words at Work and Play: Three Decades in Family and Community Life**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: Ensaios e Conferências**. Tradução de Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O mundo dos migrantes**. São Paulo: Ática, 1991.

Histórico Editorial

Submetido: 11 de Abril de 2025.

Aprovado: 18 de Maio de 2026.

Publicado: 17 de Junho de 2026.

SOBRE O/A(S) AUTOR/A(S)

¹ **Lizandra Córdova**. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade (PPGPaCS - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu). Idealizadora, diretora de produção e curadora da plataforma Escritas Subversivas. Produtora cultural da Escola Popular de Artes (EPA-UFRRJ).

Contribuição de autoria: Escrita – Primeira Redação.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6522411942567220>

E-mail: lizandracordova@gmail.com

ORCID: 0009-0008-3961-3134

² **Bruno Borja**. Doutor em Economia Política Internacional (PEPI-UFRJ). Professor do Programa de Pós-graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade (PPGPaCS - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu). Coordenador do Observatório Baixada Cultural (OBaC-IFRJ/UFRRJ) e da Escola Popular de Artes (EPA-UFRRJ).

Contribuição de autoria: Escrita – Revisão e Edição.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0033023657203189>

E-mail: borja.bruno@gmail.com

ORCID: 0000-0002-4813-7001